

Cartas de Simone de Beauvoir a Jean-Paul Sartre e a Nelson Algren. Amor necessário e amor contingente?

Letters of Simone de Beauvoir to Jean-Paul Sartre and Nelson Algren. Necessary love and contingent love?

Magda Guadalupe dos Santos *

Introdução

Faço aqui uma análise das cartas de Simone de Beauvoir a Jean-Paul Sartre e a Nelson Algren, tomando como pressuposto algum referencial teórico sobre cartas em geral, abstratamente tomadas, enquanto um estilo literário.

As cartas que Simone de Beauvoir escreveu aos homens de sua vida, nesse caso específico, cartas a Sartre e a Algren, nos dão uma imagem específica de uma mulher em busca de sua identidade, envolvida em contornos culturais diversificados e que moldam o semblante axiológico do século XX.

Como se sabe, toda a sua correspondência só foi publicada após a sua morte, em 1986. Em se tratando das cartas de Beauvoir a Sartre, estas se dividem em dois volumes, no primeiro constam as cartas trocadas no período da invasão nazista na França, durante a Segunda Grande Guerra e no segundo volume há os relatos de viagens e as cartas ternas e mesmo amorosas escritas por Beauvoir a Sartre. Estas cartas datam de 1930 a 1939 e, posteriormente, de 1940 a 1963.

A correspondência com Nelson Algren, por sua vez, é datada de 1947 a 1964. Tem-se a edição dessas cartas em várias línguas, inclusive em português. Trata-se de um volume de cartas dirigidas ao escritor e jornalista norte americano, mais conhecido como ganhador do prêmio Pulitzer em 1950, pela publicação do livro *The man with the golden arm*. As respostas de Nelson Algren nunca se tornaram de conhecimento público, diferentemente das cartas de Sartre a Beauvoir, que foram publicadas logo após a morte do filósofo, em 1980.

* Professora do Departamento de Filosofia do Instituto Dom João Resende Costa da PUC Minas. Texto apresentado no *Convite ao Pensar*, em 17 de setembro de 2011.

I. Cartas como um gênero literário

Antes de tratar dessa correspondência, passo a um pequeno estudo sobre as cartas enquanto um gênero literário. Segundo M. de Fátima Valverde, da Universidade de Évora, em seu *texto Cartas, um gênero ficcional ou funcional?*¹ pode-se afirmar haver duas possibilidades ou convenções do gênero epistolar, quais sejam: a *ficcionalidade*, como metamorfose do real, e a *funcionalidade*, enquanto emergência do útil.

A professora portuguesa faz em seu estudo uma análise de algumas cartas que integram específicas categorias, representativas do gênero em questão e que se agrupam em: 1. A **carta-romance** (tais como *As ligações perigosas* de Choderlos de Laclos); 2. A **carta-confissão** (como *As Cartas de Amor* de Soror Mariana Alcoforado); 3. A **carta-manifesto** (como as de *Rimbaud à Georges Izambard*, carta de 13 de Maio de 1871); 4. A **carta-ensaio** (tais como a *Carta ao futuro* de Vergílio Ferreira); etc.

Penso ser relevante considerar apenas as duas primeiras modalidades, correlacionando-as às cartas de Simone de Beauvoir a Sartre e a Algren.

Vale dizer algo mais sobre as cartas. Consideradas emblemas dos seus autores, e sempre legados fiéis de uma época, as cartas nos trazem essa “dupla pertença a um patrimônio biográfico e a um patrimônio cultural pela via da memória.” (VALVERDE, 2011, p.1).

Enquanto tal, as cartas exercem fortes influências não apenas sobre uma época e sobre seus leitores, mas também sobre a própria construção do gênero a que pertencem. Já que há diversidade no próprio gênero epistolar, argumenta-se que este serve de meio para “transmissão de valores criativos, estéticos, éticos, transformando-os e a si mesmo- o próprio gênero como tal- através de vários processos dinâmicos” (VALVERDE, 2011, p.2).

Para Suzanne Roy, estudiosa da obra de Simone de Beauvoir, há quem entenda a carta como uma escrita de ficção, já que ela é um elemento criado pela distância, mas há quem a tome também como uma escrita autobiográfica (ROY, 2001, p.4). Contudo, para Valverde, o mais interessante é constatar que, na literatura epistolar, o ficcional e o funcional envolvem uma *dialética*, assim como uma *dicotomia*, ou seja, as cartas envolvem tanto seus interlocutores numa linguagem escrita e

¹ Texto apresentado em IV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LITERATURA COMPARADA 4. 2011.

dialógica, como os separam por força da distância e do exercício de escrita que visa corrigir essa mesma distância.

Compreender as diferentes interações entre a ficção e a função que as cartas exercem requer um esforço de equilíbrio da norma própria a esse gênero literário e a sua flexibilização, características inerentes a todos os gêneros. Mas o gênero epistolar parece ser, assim, um gênero autônomo que se impõe por si mesmo como sistema aberto, dinâmico e heterogêneo. Talvez justamente por isso, Simone de Beauvoir tenha escrito tantas cartas e estas tenham se tornado emblema representativo da individualidade humana de algumas décadas do século XX. Fiel à autonomia e liberdade do indivíduo, não poderia jamais dedicar-se a encerrar ou a enfeixar o sujeito humano sobre modelos estanques de linguagem, em moldes monológicos, sem abertura de variação de forma, de sentido, etc..

Vale perguntar se as características das cartas podem ser tomadas como aquelas que se voltam apenas para a transmissão de específicas informações entre emissor e receptor? E qual a sua relevância para as várias ciências, tais como o Direito, a Psicologia, a Geografia, as Letras e também para a Filosofia?

Assim, pode-se afirmar que a carta com a qual um *advogado* se depara, dizendo haver traição e adultério da parte de sua cliente, altera todo o seu referencial processual jurídico. A carta que reconhece a dimensão e a imensidão geográfica de lugares outros, de diversidade cultural, bem demonstra como a geografia humana é algo que vale à pena perseguir e conhecer. A carta que desliza sobre o nível de coerência ou incoerência emocional de seu emissor desperta a atenção da psicologia. E as cartas são, sobretudo, um referencial literário e de comunicação. E para os filósofos? Seria ela uma forma teórica ou ética, política ou meramente estética de representação de uma época?

Nas cartas de Beauvoir a Sartre e a Algren, todas essas questões parecem aqui se apresentar. Nos termos de Suzanne Roy, pode-se ali ainda constatar certo nível de sensualidade, como algo de relevo para a compreensão do pensamento de Beauvoir e de seu entorno social e geográfico. Não parece à comentadora canadense que isso seja intencional da parte da filósofa, mas o fato que não deveria ser desconsiderado é que sua escrita epistolar se abre à percepção sensual de sua emissora, a própria Simone de Beauvoir.

Se há dialética entre o aspecto ficcional e o funcional, como pensa Valverde, ou seja, se há uma correlação intrínseca entre o horizonte de ficção que está presente nas cartas e também a sua *utilidade* enquanto meio de interação, esta *dialética* ocorre no âmbito de uma *ambivalência* entre *ficcionalidade*

e *funcionalidade*, sendo um dos resultados a diversidade de possibilidades que a carta, enquanto gênero, permite construir.

Merece ser observado que a base central de todo o edifício epistolar é a comunicação indireta entre dois elementos, o *emissor*, sujeito da enunciação e o *receptor*, sujeito de recepção, tomando-se como pressuposto uma mensagem, ou seja, a carta propriamente dita.

I. 1. Analogias e classificações

Em se tratando das cartas de amor e amizade de Simone de Beauvoir a Sartre e as cartas de amor a Nelson Algren, muito se teria a compreender. Catalogar essas cartas numa das formas apresentadas pela professora portuguesa, não me parece simples.

Trata-se: 1) **de cartas romances**, como aquelas que se encontram em *As ligações perigosas*, de Choderlos de Laclos? Ou seriam: 2) **Cartas confissão**, tidas como gritos de desespero face ao afastamento, do homem amado, em determinado contexto histórico?

Não se pode desconsiderar que em Beauvoir alguns aspectos podem se ligar às classificações apontadas, mas não com grande exatidão, o que nos leva a acreditar que ela traz novos referenciais normativos ao gênero epistolar.

Em tempos de guerra, as cartas de Beauvoir a Sartre tiveram ressonância sobre o modo solidário, amistoso, amigável de um companheirismo em busca da descoberta do mundo, um mundo então cercado de censuras políticas, de recusas em ratificar a opressão vivida.

Em Na Força da Idade, ela escreve:

“Cartas de Sartre acabaram de me acalmar. Mandava-as de dois tipos: umas regulamentares, a lápis, limitadas pelo formato do papel com mais ou menos vinte linhas; outras longas, semelhantes às cartas comuns, que camaradas trabalhando na cidade se encarregavam de selar e enviar na caixa. Ele estava muito contente com a sorte e extremamente atarefado; discutia com os jesuítas os mistérios da virgindade de Maria; esperava voltar dentro em breve para Paris, mas não imediatamente porque montava uma peça que escrevera para o Natal. Depois não demoraria. Dir-se-ia que a data de regresso só dependia dele mesmo; pensaria em evadir-se/ em fugir? Eu imaginava a evasão/a fuga como uma empresa terrivelmente temerária: as sentinelas atiravam, soltavam os cães; fiquei com medo. Mas ele falava também de civis que iam repatriar-se, como se fizesse parte do grupo. Sem dúvida, estava tramando qualquer coisa. Resolvi não me agitar. Pouco a pouco, encontrava novamente meu equilíbrio; mas continuava a sofrer com meu isolamento.” (novembro de 1939) (BEAUVOIR, *FI*, v.2.1961, p.95).

Não há aqui aparente romance, sequer confissão. Suas palavras surgem muito mais como uma forma de tornar equilibrado para si o mundo devassado pela guerra.

Em termos históricos, lendo as obras de memória de Beauvoir, pode-se compreender que Sartre conseguira, finalmente, fugir do campo em que estava como prisioneiro de guerra, como um soldado francês em serviço militar. Havia feito amizade entre os demais e ao voltar pretendia unir-se a outros companheiros e organizar a *resistência* ao nazismo.

Frente aos relatos de Sartre, recebidos por ela também por meio de cartas, a reação inicial de Beauvoir é de *ceticismo*, pois, diante das dificuldades evidentes, tudo poderia passar de meras *ilusões*. Gradualmente, vão ambos preparando o futuro, buscando doutrinas novas. O essencial de seu programa, escrevia Beauvoir, era, mesmo sendo eles próprios vencidos, tornar o inimigo capaz de “perder a paz” (BEAUVOIR, *FA*, 1961, p. 105).

Mas se as cartas que ambos se escreviam mutuamente agora deram lugar aos encontros reais, Beauvoir se volta para o seu diário íntimo, para suas memórias e admite afinal, sua vida não era uma *história que ela contava* a si mesma e sim um *compromisso* entre ela e o mundo (BEAUVOIR, *FA*, 1961, p. 107).

No prefácio dos “*cadernos de juventude*” (1926-1930), Sylvie Le Bon de Beauvoir, filha adotiva e herdeira do acervo de Beauvoir, indaga sobre “os motivos que levam alguém a escrever um diário (“*journal intime*”)? E ela mesmo adverte: “para conjurar um exílio, responde Simone de Beauvoir. Toda vez que se via condenada ao exílio, toda vez que ocorria uma ruptura em sua vida, ela experimentava a necessidade de recorrer ao diário (*Journal Intime*).” (LE BON DE BEAUVOIR, *Introduction. CJ*, 2008, p.9).

Como se sabe, o pressuposto do relacionamento de amor e amizade de Beauvoir e Sartre é de total abertura. Sentir-se exilada no mundo não é resignar-se aos ditames do mundo, mas compreender seus limites e impor-se diante deles.

Com o passar dos tempos, da história de amor e amizade nasce uma complexa história de amizade e amor, que scandaliza a dimensão moral de um tempo, mas que abre espaço para novas formas de autoconhecimento.

Em sua obra autobiográfica, *Na Força da Idade*, ela descreve o acontecimento que marca esse relacionamento. Em 1931, fora oferecido um emprego no exterior (no Japão) a Sartre e lá ele deveria permanecer por dois anos. Como fariam? Que planos poderiam ter em comum?

Beauvoir escreve que “Sartre não tinha a vocação da monogamia; não desejava, com vinte e três anos, renunciar para sempre à sedutora diversidade das mulheres. ‘Entre nós, explicava-me utilizando o vocabulário que lhe era caro, tratava-se de um amor *necessário*; convém que conheçamos também amores *contingentes*’.” (BEAUVOIR, *FI.v.I*, 1961, p.19-20).

Fizeram, então, um contrato de dois anos, nos quais viveriam com grande intimidade em Paris, depois haveriam de se separar, viver em outros lugares, conhecer outras pessoas, mas jamais seriam estranhos um ao outro. Para eles, cada projeto era um “momento de realidade”. (BEAUVOIR. *FI.v.I*, 1961, p.20).

Para amadurecer esse insólito compromisso, escreveram livros, construíram filosofias e, como bem lembra Julia Kristeva (*Tempo Brasileiro*, 162, n.37/46, jul-set. 2005, p.39), já nesse momento Beauvoir estava iniciando seu projeto feminista de certa “igualdade fraternal entre os sexos”. Acreditava que “os homens e as mulheres estavam em igualdade e essa igualdade era considerada como uma fraternidade sob a égide do universal” (KRISTEVA, 2005, p.39).

Esse é um novo *ethos*, uma nova habitualidade construída por uma constância de agir e que traz em si um ensinamento, uma *Paideia*, a de “construção de um modelo de casal que não exhibe um amor louco, uma exaltação passional, própria dos surrealistas, mas a exaltação amorosa em um modelo de casal com debate” (KRISTEVA, 2005, p.45).

I. 2. Comparações de estilo e de história

De volta à classificação da professora portuguesa.

Ao se tentar entender o que representa 1-a **carta romance**, enquanto um gênero classificado como tal, ali se depara, ao se tomar *As ligações perigosas* como texto paradigmático com “uma narrativa de enganos e de mundanidades, com “um jogo de apenas duas cores, a vaidade e o desejo sexual” (VALVERDE, 2011, p.4). Entre autor e receptor há 175 (cento e setenta e cinco cartas) que perfazem as quatro partes da obra de Choderlos de Laclos, escrita no século XVIII.

Apenas para lembrar aos ouvintes e leitores de hoje, o pano de fundo das *Ligações perigosas* foi a tentativa de mostrar a libertinagem da decadente aristocracia francesa no final do século XVIII. O jogo da sedução era o modo oportuno de que alguns os nobres se serviam para tentar escapar do tédio nos últimos anos antes da Revolução Francesa. O romance libertino apresenta, assim, “o prazer da transgressão”.

No texto epistolar das *Ligações perigosas*, a punição arrasta tanto o carrasco como as suas vítimas de modo a revelar a um tempo a liberdade e a perversão ocorridas no comércio da sensualidade. Nelas “abundam as conquistas amorosas, o cinismo relacional, a ambição dos últimos anos do Antigo Regime, a virtude decadente”. (VALVERDE, 2011, p.6).

Ao se retornar às cartas de Beauvoir a Sartre, verifica-se que as comparações entre estilos e épocas distintas apenas aguçam suas especificidades.

Embora tenha havido um romance sustentado por grandes laços de amizade entre Sartre e Beauvoir e que durou toda uma vida, e por isso seria um “amor necessário”, as questões que se apresentam em *Ligações perigosas*, cartas do século XVIII, não se apresentam nas cartas trocadas entre os filósofos do século XX.

Há quem entenda essas cartas de Beauvoir a Sartre como mera descrição minuciosa dos atos vividos a cada dia, em especial, nos tempos de guerra, tempo em que se viu separada do companheiro, sendo ele um soldado e ela uma professora do Liceu francês. Ali se descrevem seus hábitos, suas dores, seus remédios, suas passagens pelos cafés parisienses como lugares preferidos para seus escritos, seus encontros e também seus flertes e namoros paralelos, que são apresentados a Sartre de maneira bem natural. Afinal, eram aqueles outros *amores contingentes* e apenas isso! Para, além disso, há evidente demonstração de amor a Sartre, mas somente por meio de frases “a la francesa” com expressões carinhosas, mas nada com ardor passional (BARTLETT, 1996, p.1.).

Contudo, vale argumentar, se nessas cartas, que para algumas comentadoras mostra-se de forma epidérmica, também conteriam traços de certo “prazer da transgressão”? Afinal, como menciona Hazel Rowley, quando “Sartre abandonou por completo o leito comum, o que restou entre eles foi uma forte cumplicidade intelectual e emocional que duraria toda a vida, uma ‘unicidade’, como a denominava Sartre, e que estava acima de qualquer contingência amorosa. O pacto inicial de não ocultar nada para prevenir ciúmes converteu-se em um diálogo que explorava com fruição suas conquistas, e visto que ambos concebiam a literatura como subversão da moral herdada, Sartre teria incitado a Beauvoir a narrar as experiências de ambos. “Converter a vida em uma narração” escreve Rowley, “talvez fosse o mais voluptuoso dos prazeres” (ROWLEY, 2006, p.112).

I. 3. Um amor transatlântico

De fato, diante de descrições de ligações íntimas com *outro*, com um terceiro, com um estrangeiro, Beauvoir abre novas formas de amor, um amor sem a interferência de sentimentos de domínio e posse, algo livre dos tormentos de um casal, mas ainda nos limites do companheirismo.

Suas cartas a Nelson Algren demonstram, contudo, um novo olhar sobre si mesma e sobre as condições do amor e da amizade. Vejamos um exemplo de uma carta datada de 13 de agosto de 1947.

Nelson, meu amor, recebi suas cartas esta tarde em Estocolmo e entrei em uma pequena *conditorei* (uma confeitaria) em frente ao correio central para lê-las. Elas me causaram muita satisfação, e o dia todo pensei o quanto eu o amava. É meia noite, estou morta de cansaço, mas é preciso lhe dizer: eu o amo muito! É espantoso como o compreendo e como você me compreende, e essa compreensão recíproca é uma das coisas mais preciosas no nosso amor. (BEAUVOIR, CNA, 2000, p.34),

É preciso mencionar que, diferentemente de sua ligação com Sartre, a correspondência de Beauvoir com Algren é uma “crônica de um ‘amor transatlântico’, e não envolve dois seres de um mesmo universo, como bem menciona Sylvie Le Bon de Beauvoir (2000, p.7). Por meio da escrita eles vão realçando a si próprios suas diferenças em meio de algo familiar formado e criado por eles mesmos.

Suzanne Roy entende que as cartas também demonstram o evidente quadro de solidão em que se encontra seu emissário. Do diálogo então proposto, sobressai-se um solilóquio, um monólogo do emissor consigo mesmo (ROY, 2001, p.11). A carta torna possível, de certa forma, a comunicação e a proximidade tanto em relação ao destinatário, quanto ao próprio emissor. A tentativa de compreender a si mesma evidencia-se no registro da escrita. Mas esse monólogo tem uma característica dialógica e esta se evidencia no diálogo da consciência consigo mesma.

Para Sylvie Le Bon de Beauvoir, a correspondência entre Beauvoir e Algren revela “não o encontro de um outro eu, que é o mesmo, como fazem, por exemplo, as cartas a Sartre, mas o encontro de um outro, *tout court*” (DE BEAUVOIR, 2000, p.7). Mas nesse âmbito, os fatos dizem pouco. Além das diferenças de nacionalidade, há algo que “sempre impõe aos dois protagonistas um banal, porém contínuo estatuto de ‘estrangeiro’”, já que são vistos pelas outras pessoas dentro do “estereótipo da *francesa* e do *americano*” (DE BEAUVOIR, 2000, p.8). Mas a distância tanto os separa quanto os atrai. Seria esse um amor verdadeiramente contingente?

Por meio de suas cartas, Beauvoir se permite a compreensão de questões que antes não lhe pareciam pertinentes, por se lhe revelarem evidentes, como *realidades familiares* de um mundo comum que ela compartilhava com seus amigos. Ao amante americano, que vivia alhures de seu *ambiente convencional*, era necessário tudo esclarecer, tudo demonstrar e mesmo ensinar e, nesse momento, ela também apresentava algo de novo a si própria. Segundo Suzanne Roy, por meio das cartas, pode-se também identificar que Beauvoir, a “independente existencialista e companheira de Sartre tinha essa relação amorosa à distância como o melhor meio de conservar a sua liberdade (ROY, 2001, p.16).

Em 15 de outubro de 1948, ela escreve a Algren:

“Oh! Que vida comportada eu levo! Ainda mais comportada que a sua em sua toca de Wabansia. Oh! Esta mortalmente confortável e calma Villa, eu aqui morreria logo! O pobre Sartre, acometido por uma crise hepática, cólicas renais dolorosas mas não perigosas, teve de se manter na cama por dois dias. Fiquei *Tetê-a-tete* com a mãe, uma hora por dia, nas refeições. A não ser isso, não desgrudei do meu quarto, onde dormi, li, reli, dormi de novo, escrevi....(...). Você sabe como eu o amo, não é?” (BEAUVOIR, 2000, p.217).

Também Sylvie Le Bon de Beauvoir entende estar sempre presente nas cartas um certo alívio pelo fato de Algren estar distante e dela exigir continuamente um recomeçar de novo, sempre arriscado como um vôo transatlântico. Na verdade, coube a Algren “a iniciativa de anular esse imenso caminho percorrido, quando decidiu estabelecer entre ele e Beauvoir barreiras intransponíveis” (DE BEAUVOIR, 2000, p. 9), tudo rompendo, definitivamente, em 1964.

II. As cartas e suas confissões e recepção

Ao se levar em consideração a segunda classificação das cartas, aí encontraremos, como exemplo de *Carta-confissão*, as *Cartas de Amor de Soror Mariana Alcoforado*, de 1661. Trata-se das cartas da freira do convento de Beja, dirigidas a um oficial francês, M. de Chamilly.

Após tê-la abandonado, as cinco cartas que compõem a obra dirigem-se ao mesmo tempo ao cavaleiro ausente e ao próprio sentimento de quem as escreve. Animadas pelo amor-paixão e pela dor da ausência do amado, o sujeito da enunciação lança o grito do seu desespero, recorda os momentos vividos, informa sobre o estado psicológico e físico, anuncia a sua ruína, “o estado deplorável” em que mergulhou após a separação, interroga o vazio da sua vida, que reflete sobre a relação passada, tomando, assim, consciência da ambivalência da sua escrita, em formas de saudade e do arrependimento (VALVERDE, 2011, p.4). “(...) eu perdi a minha reputação, eu me expus à fúria de meus pais, à severidade das leis deste país, contra os religiosos, e à vossa ingratidão, que me causa o maior dos males (...)”².

As interrogações e exclamações repetidas trazem a marca textual da inquietude, infelicidade e da dualidade espiritual em que se encontra o sujeito emissor, pois cindido entre a esperança e o

² “j’ay perdu ma réputation, je me suis exposée à la fureur de mès parents, à la sévérité des lois de ce Pays, contre les Religieuses, et à vostre ingratitude, qui me paroist le plus grand de tous les malheurs (...)» (apud VALVERDE, 2001, p.5).

desespero, a memória (a paixão vivida) e a circunstância (individual e social, a sociedade, a família e a instituição religiosa). Mas estas são cartas sem resposta, endereçadas à própria emissora – a mulher que se enclausura num mosteiro - e ao sentimento que a domina. Não são cartas destinadas àquele que teria motivado sua infelicidade.

Por isso, entende Valverde que as “Lettres portugaises” inauguram uma nova forma de escrita, uma espécie de anti-retórica. “O amor desfigura o amante que, assim, só pode inscrever a história da própria desfiguração”. A escrita daquela que ama “altera as regras da sintaxe, traduz o excesso”, através da proliferação de metáforas e de hipérboles (VALVERDE, 2011, p.9).

Prevalecendo as vivências íntimas, e não as referências exteriores de um tempo vivido, a *ficcionalidade* oferece específica forma de *funcionalidade* nestas cartas, qual seja: o emissor encerra-se na própria mensagem para atingir e suscitar a piedade no duplo receptor a quem se dirige (o cavaleiro e o leitor). “Traça, desse modo um movimento catártico, em direcção ao(s) destinatário(s)”. Ao mesmo tempo em que vai “resumindo o que se passou, vive-se todo um processo de expiação e vitimização na ‘Quinta carta’” (VALVERDE, 2011, p.10):

“Eu vivi muito tempo num abandono e numa idolatria que me causa horror e meus remorsos me perseguem com um rigor insuportável, sinto vivamente a vergonha pelos crimes que você me fez cometer e não tenho mais – ai de mim! – a paixão que me impedia de conhecer a enormidade deles; quando é que estarei livre desse embaraço cruel?”³

A memória que soa vaga de uma autobiografia entra assim, sob a forma de uma interioridade subjetiva do real, nas Cartas de Soror Mariana Alcoforado no campo da ficcionalidade sem perder a sua funcionalidade, como menciona Valverde, qual seja, a confissão escrita. Criam-se, então, “dois pólos distintos: o do sujeito emissor na “declaração do crime da luxúria” e a de um duplo receptor: direto (o cavaleiro) e indireto (o leitor) pela “projecção de uma emotividade”. (VALVERDE, 2011, p.10).

Esta ambivalência de papéis conduz, neste caso a uma dialética entre *ficcionalidade* e *funcionalidade* cujos fins ético-religiosos, são concernentes a repor uma honra perdida por meio da confissão, na qual figuram os tópicos do *horror*, do *remorso*, da *vergonha* face aos crimes da paixão.

³ «(...) J’ai vécu long-temps dans un abandonnement et dans une idolâtrie qui me donne de l’horreur, et mon remords me persécute avec une rigueur insupportable, j’esens vivement la honte des crimes que vous m’avez fait commettre, et je n’y plus, hélas! La passion Qui m’empeschoit d’en connaître l’énormité; quand est-ce que jê seray délivrée de cet embarras cruel? (...)».
(apud VALVERDE, 2011, p.10).

II. 2. Pressupostos existencialistas

Pode-se afirmar que, de certa ótica interpretativa, evidenciam-se alguns traços comuns com as cartas de Beauvoir a Algren, mas muito mais como uma ausência de pressupostos, algo bem existencialista, na verdade. É pela recusa de se ver como o outro de si, jamais se deixando envolver por remorsos ou por preocupações com honra perdida que as cartas se nos apresentam. Seu tom confessional, contudo, parece ali se apresentar, mas para deixar transparecer as mudanças dos tempos. O século XX é o tempo do esfacelamento das honras perdidas, da resignificação do remorso e da vergonha e Beauvoir soube contribuir para tais mudanças paradigmáticas.

Há evidências de que a ficção auxilia a Beauvoir tornar funcional seu universo da escrita, para poder compreender essa mulher submissa aos desejos, aos sentimentos que ela se tornara frente a Algren. Afinal, ela era Simone de Beauvoir e tinha em mira a construção de sua própria identidade. “não se nasce mulher, torna-se mulher” é um desafio constante que se lhe apresenta em cada situação vivida. Nessa ocasião, sua mais famosa obra, *Segundo Sexo*, já tinha sido escrita, publicada. Como se subjugar a essa dimensão de alteridade que o amor à distância lhe parece impor?

Em Novembro de 1964, tem-se a última carta entre ambos os escritores,

“Caríssimo você. Lá se vai uma eternidade que nenhuma carta nem foi, nem chegou. (...) Irei seguramente aos Estados Unidos, em maio, e vou encontrá-lo, onde quer que você se esconda. Foi Bil Targ, afinal, quem ficou com meus direitos, vou ser publicada lá pela primavera. Dê notícias, sua fera velha, a menos que você esteja muito ocupado com vestir-se bem. Sua Simone.” (BEAUVOIR, 2000, p.551).

Se com Sartre, a paixão é uma expressão de um filosofar contínuo sobre a existência, sobre a ambigüidade de ser livre, com Algren havia mesmo o encontro de uma mulher com um homem. Contudo, em suas diferenças, havia também a forma de pensar as respectivas esperanças enquanto escritores envoltos em grande diversidade cultural. Possivelmente isso pouco explica a recíproca atração e o choque final de entendimentos. As cartas apenas demonstram o retrato de uma vida. Ao direito de se unir a quem se ama, está também o direito de dissolução dessa união. Esse é um princípio jurídico que prevalece até mesmo na legislação brasileira e há muito tempo na legislação francesa. Por isso se fala do instituto do casamento e do divórcio. Mas Beauvoir jamais se prendeu a alguns desses

institutos jurídicos. Foi apenas tomando como próprios seus direitos, que suas relações amorosas se deram e se interromperam.

Vale aqui lembrar os comentários de Suzane Roy. Beauvoir é, acima de tudo, fiel a si mesma. Nunca se concebeu planos de casamento ou de maternidade. Não trocou o lugar de seu trabalho pelo lugar que ocuparia um marido, embora, em algumas cartas nomeie Algrem como “*meu querido marido*”. Além do que, sua vida intelectual, ao lado de Sartre e em Paris, ocupava também um lugar de destaque.

Mas é preciso reiterar algo peculiar. Roy entende que, “ao lado do sujeito de enunciação, Simone de Beauvoir, mesmo com sua imagem de feminista e militante, não é uma mulher fria, como muitos a imaginavam. Sua sensualidade transparece em suas várias cartas. Simone de Beauvoir é, pois, uma filósofa de seu tempo. Escreve para esse mesmo tempo, mas dialoga historicamente com aberturas e lacunas de novos tempos.

Resta saber se, por meio das cartas, sejam como relatos de romances, sejam como relatos confessionais, Beauvoir teria logrado êxito em enfatizar a singularidade e o drama do real, expressando o que vivera e o que sentira sem receios de críticas, de zombarias. Sua relação com seus leitores era verdadeira, mas sem deles exigir uma resposta afirmativa seja de consentimento, seja de recusa de suas ações. Contudo, suas cartas tinham outro ou outros destinatários, um amor parisiense, um outro amor transatlântico.

Na dualidade de amores, Beauvoir descobre a si mesma, uma mulher em conquista de sua independência, de sua liberdade, crítica do moralismo da cultura, dos lugares determinados de cada época. Mas, suas cartas também demonstram ao público leitor o prazer de ter vivido intensamente a sua vida, seja como amiga, seja como amante, sempre como mulher que soube construir continuamente a sua própria vida.

REFERÊNCIAS

- ALCOFORADO, Soror Mariana. **Lettres portugaises**. La Bibliothèque des Arts, Paris, 1993.
- BARTLETT, Alícia Giménez. Cartas a Sartre. Reseña. “La Esfera”, **diario "El Mundo"**, el 28 de diciembre de 1996. In: <http://www.femiteca.com/spip.php?article250>. Acesso em 11/09/2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **Cahiers de Jeunesse**. 1926-1930. Paris: Gallimard, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. **Cartas a Nelson Algren**. Um amor transatlântico. 1947-1964. Tradução de Márcia. N. Teixeira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BEAUVOIR, Simone de. **Na Força da Idade**. v.II. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.
- BEAUVOIR, Simone de. **Journal de Guerre**, Septembre 1939-Janvier 1941. Paris: Gallimard, 1990.
- BEAUVOIR, Sylvie le Bon de. Introduction. In BEAUVOIR, Simone de. **Cahiers de Jeunesse**. 1926-1930. Paris: Gallimard, 2008. p.11-41.
- JEHLEN, Myra «Gender» in **Critical Terms for Literary Study**, Edited by Frank Lentricchia and Thomas McLaughlin, The University Chicago Press, Chicago, 1990, pp.263-273.
- KRISTEVA, Julia. Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, ou a reinvenção do casal. **Tempo Brasileiro**, 162, n.37/46, jul-set. 2005, p.37-46.
- De LACLOS, Choderlos. **Les liaisons dangereuses**. Gallimard, Paris, 1999. (col. «Folio classique»).
- ROY, Suzanne. **Sensualité et Épistolarité dans le Lettres à Nelson Algren de Simone de Beauvoir**. Mémoire présente comme exigence partielle de la Maîtrise em Études Littéraires. Université Du Québec à Montréal 2001. www.autourdebeauvoir.net/articles/memoire.pdf Acesso em 10.09.2011.
- ROWLEY, Hazel. **Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre Tête-à-Tête**. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- VALVERDE, Maria de Fátima. **A carta, um gênero ficcional ou funcional?** CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LITERATURA COMPARADA, 6, 2001, Évora. Anais eletrônicos... Évora: Universidade de Évora, mai. Revista Literatura em Debate, v. 4, Dossiê Especial, p. 01-15, jan., 2011. Disponível em: <http://www.eventos.uevora.pt/comparada>. Acesso em 02 de julho de 2011. Disponível também em: http://www.eventos.uevora.pt/comparada/indice_geral.htm